



Lila Azam Zanganeh - Cidadã do mundo, apaixonada pelo Brasil

Por Simone Magno

02/07/2013

Em entrevista exclusiva para a CBN, a escritora Lila Azam Zanganeh, uma das convidadas da Flip, fala sobre a língua portuguesa, que vem aprendendo, diz que é apaixonada pelo Rio de Janeiro e conta o que descobriu na literatura brasileira.

O dia era cinzento na praia do Leblon, Zona Sul do Rio de Janeiro, mas a escritora Lila Azam Zanganeh, que gosta de calor, não deixou sua paixão pelo Rio de Janeiro arrefecer. “Poderia morar aqui. Tem uma beleza muito profunda, uma serenidade, e uma melancolia que tem a ver com Nabokov.” O escritor russo surge muitas vezes na conversa. Afinal, Lila está no Brasil pela terceira vez, agora para lançar na Festa Literária Internacional de Paraty *O encantador – Nabokov e a felicidade* (Alfaguara), livro em que parte de suas memórias sobre as leituras da obra de Vladimir Nabokov, um misto de ficção e ensaio. Descobriu o escritor ainda na adolescência, pela autobiografia *Fala, memória*. Era leitura da mãe, a poeta Nilou Ghodsi Azam Zanganeh, que veio com ela ao Brasil.

Nascida em Paris, filha de pais iranianos, Lila tem o francês e o persa (“com sotaque francês”) como línguas maternas, mas aprendeu inglês

justamente para ler Nabokov. “Era muito difícil”, confessa. “A aventura com Nabokov começa no sentido de que a linguagem é a única coisa que pode salvar a memória perdida.”

Morando em Nova York, ela também escreve sua literatura em inglês. “É uma língua mais elástica, que se pode romper; o francês é mais clássico e, não sendo minha língua, sou menos consciente para cometer erros, a página parece mais aberta.” Adorou, no entanto, a tradução francesa feita por Jakuta Alikavazovic, bem como a brasileira, do escritor José Luiz Passos (que também vai estar na Flip). “Li em algum lugar que a tradução em português ficou mais poética, mais nabokoviana”, diz ela, mais uma vez recorrendo ao escritor que a inspirou. Para Lila, na tradução o escritor perde um pouco do controle de seu texto, mas o resultado compensa. “O texto tem vida própria”, ensina, acrescentando que o livro começa com o autor mas é um trabalho coletivo que precisa de “umas duzentas pessoas” para existir, incluindo o editor, o tradutor, os jornalistas, os leitores.

Atualmente, escreve um novo livro, bem diferente de O encantador. A ideia é mesmo desvincular do autor de Lolita. The Orlando inventions é composto de várias histórias de ficção que falam de amor durante 14 séculos. Lila reescreve muito, sem pressa. Não tem pretensão de construir uma obra extensa, com “trezentas coisas”. Prefere quatro ou cinco que sejam belas e tenham algum sentido, que ela possa compartilhar com os outros. Escreve na cama, porque o escritório estava tão cheio de livros, que o quarto parecia um lugar mais tranquilo - e acabou sendo bom para a coluna. “Acho que também é bom para o cérebro. Freud tinha razão, estar em uma cama é bom para o inconsciente e a imaginação.”

Lila Azam Zanganeh tem participado de eventos literários em vários países e está impressionada com a curiosidade das pessoas sobre literatura, não com as que amam os livros mas principalmente as que ainda os estão

descobrimo. “Um dos meus sonhos é introduzir esse encanto da literatura a um máximo de pessoas, é nossa possibilidade de salvar o mundo da falta de imaginação.”

E a falta de imaginação para ela inclui a maneira com que as pessoas lidam com as redes sociais e a tecnologia. Para ela, é uma forma de distância da vida real. Mais uma vez, recorre ao escritor russo. “Nabokov é uma porta para chegar a esse universo em que a ficção é a maior realidade, esse mundo de imaginação, de encanto, de beleza. Pode ser vendo um quadro, lendo uma poesia, observando o mar.”

Lila ficou encantada com as grandes livrarias que viu no Brasil, coisa rara atualmente nos Estados Unidos. Foi em uma dessas megastores em São Paulo que descobriu a poesia de Carlos Drummond de Andrade. Adorou. Também leu Paulo Leminski, que também a deixou maravilhada. Lila tentou ler Machado de Assis, mas achou muito difícil. Quer ler, quando seu português melhorar, o conto O espelho, que disseram a ela ser fantástico. Está se comunicando muito bem em português, mas ainda está em dúvida se vai falar com nossa língua na Flip. Lila é perfeccionista e não quer arriscar diante de um grande público.

“Querida falar o português do Brasil”, afirma ela, impressionada com a quantidade de brasileiros em Nova York e em Paris, onde ouve a nossa língua nas ruas. Disse que a sensação dentro do Metropolitan Museum, onde esteve recentemente, em NY, é que metade dos visitantes era brasileira. E descobriu que depois dos turistas americanos, os brasileiros são os maiores frequentadores do Musée du Louvre, em Paris.

“O Brasil tem uma energia muito diferente da energia da velha Europa, é uma coisa muito estimulante. Quero participar disso. É um pouco chato viver em país em que a sensação é que tudo está terminando. Aqui,

mesmo com todos os problemas, a sensação de que tudo está começando é muito boa.”

Na Flip, Lila Azam Zanganeh participa da mesa O prazer do texto, com Francisco Bosco, na sexta-feira, às 12h.

Logo mais, no TEMPO DE LETRAS, você ouve Lila Azam Zanganeh falando em português sobre seu livro.